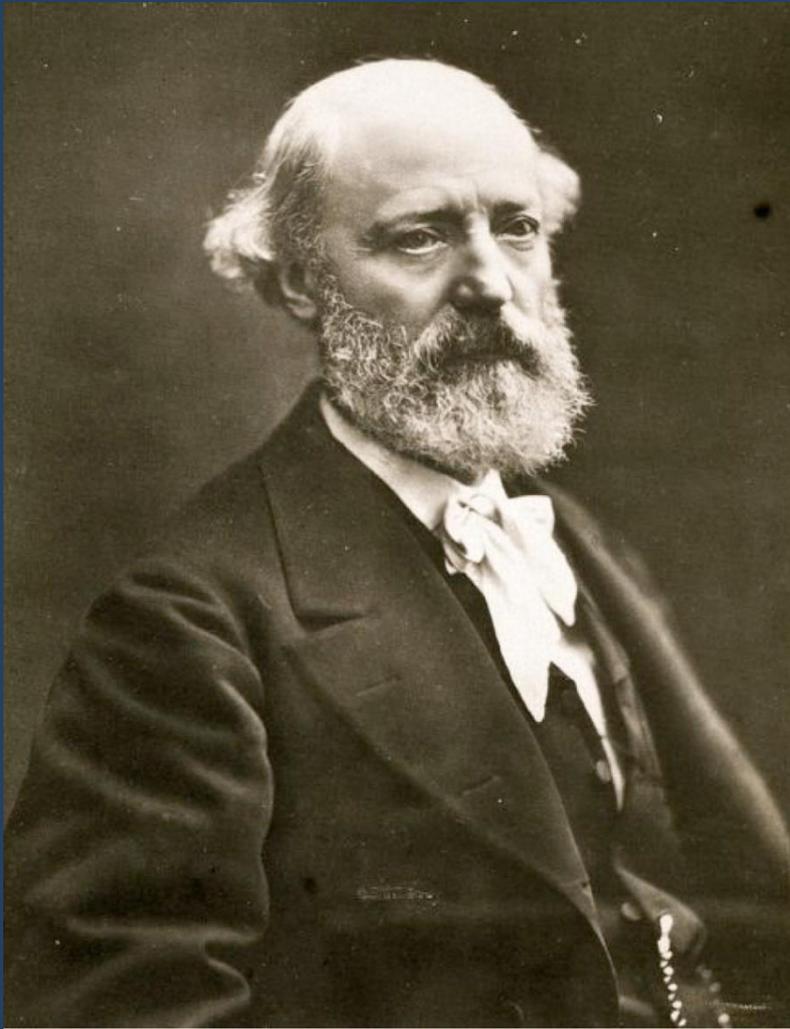


Teóricos da Restauração: Viollet-le-Duc e John Ruskin

Teoria e História da Preservação da
Arquitetura e do Urbanismo – TR

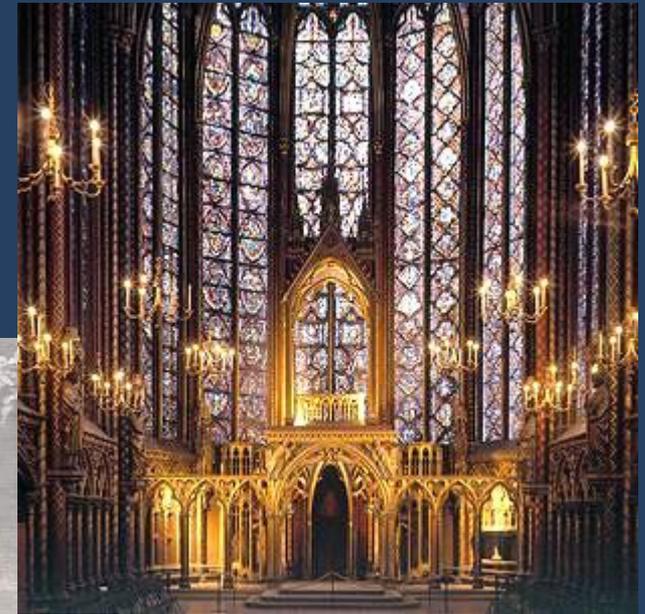


Retrato de Viollet-le Duc by Félix Nadar, 1879

Viollet-le-Duc (1814- 1879)

- Restaurador de monumentos francês nascido em Paris;
- Um dos responsáveis pelo reconhecimento do gótico como uma das mais importantes etapas da história da arte ocidental.
- Formou-se em arquitetura, em Paris, e viajou para a Itália (1836).
- Voltou à Paris, onde passou a trabalhar na comissão encarregada da preservação dos monumentos históricos.

- Ganhou fama com a restauração de monumentos como a Sainte-Chapelle e a catedral de Notre-Dame, em Paris.
- Supervisionou a recuperação de inúmeros prédios medievais, como a catedral de Amiens, as muralhas de Carcassonne e a igreja de Saint-Sernin, em Toulouse.



Conceito de Restauração segundo Viollet-le-Duc

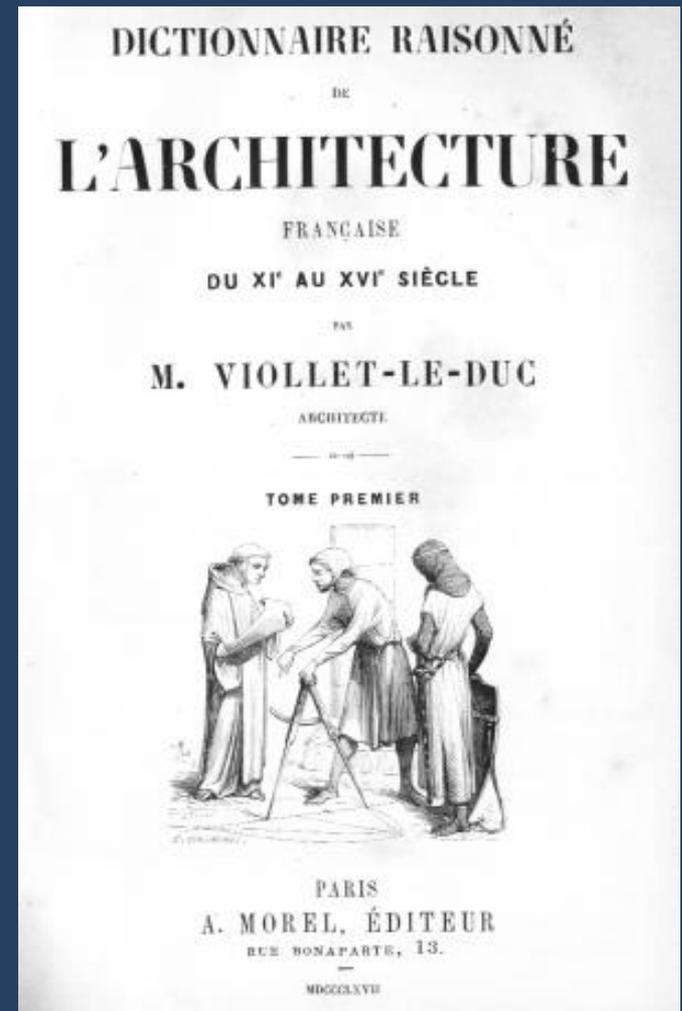
- “Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento.”
- Procura entender a lógica da concepção do projeto pois esta daria resposta unívocas.
- Não se contenta em fazer uma reconstituição hipotética do estado de origem
- Busca a pureza do estilo (faz reconstituição daquilo que teria sido feito, uma reformulação ideal do projeto).

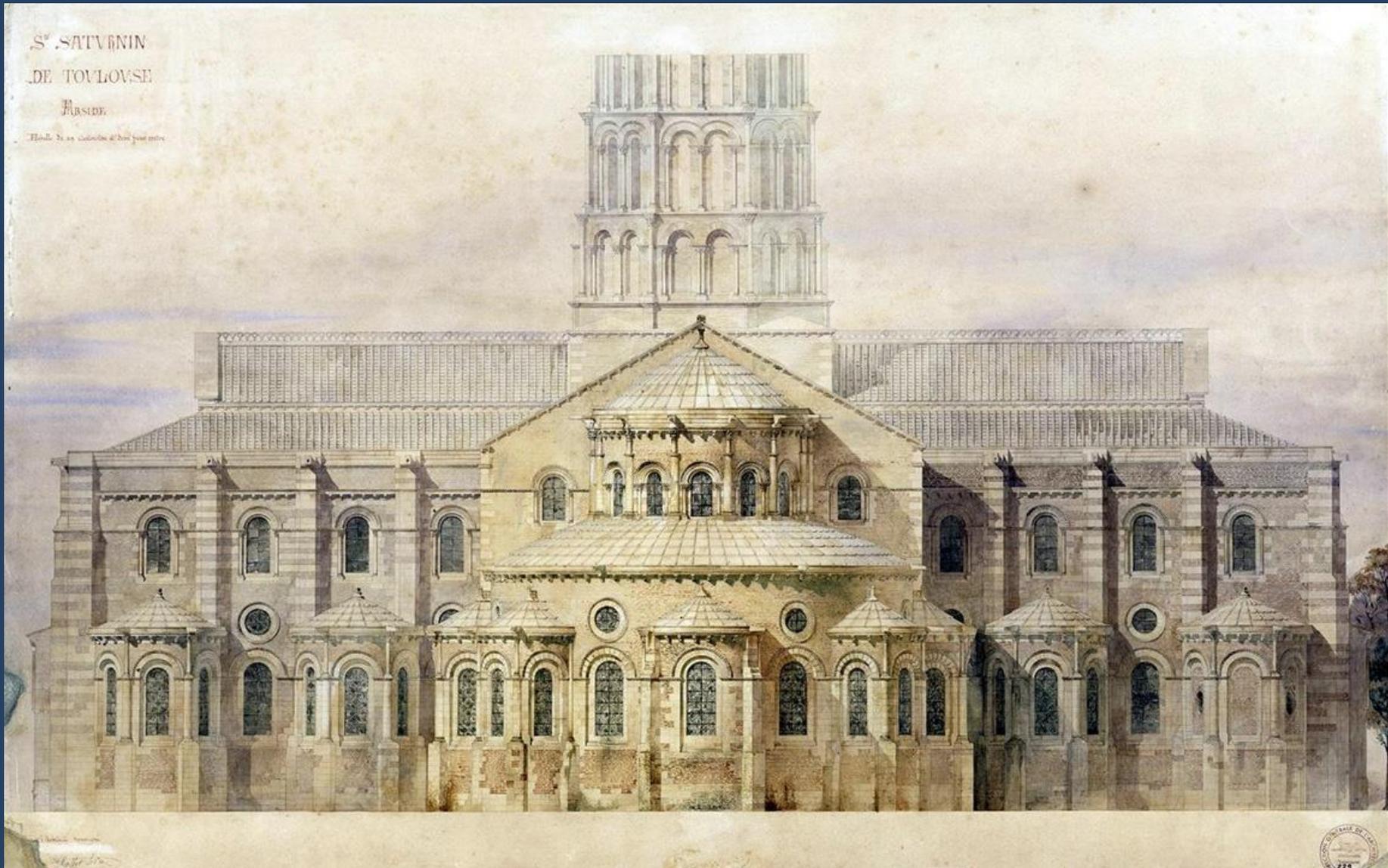
- Esquema ideal de Le-Duc:
 - 1- entender profundamente o sistema de projeto e construção
 - 2 – conceber um modelo ideal
 - 3 – impor ao projeto / edifício o esquema idealizado

- Catedral de Saint Sernin, Toulouse



- A faceta de restaurador de Viollet-le-duc deve ser avaliada dentro do contexto na qual foi produzida: um momento de redescoberta e de grande apreciação das qualidades da arquitetura medieval.





The Church of St Sernin at Toulouse. Drawing by Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc



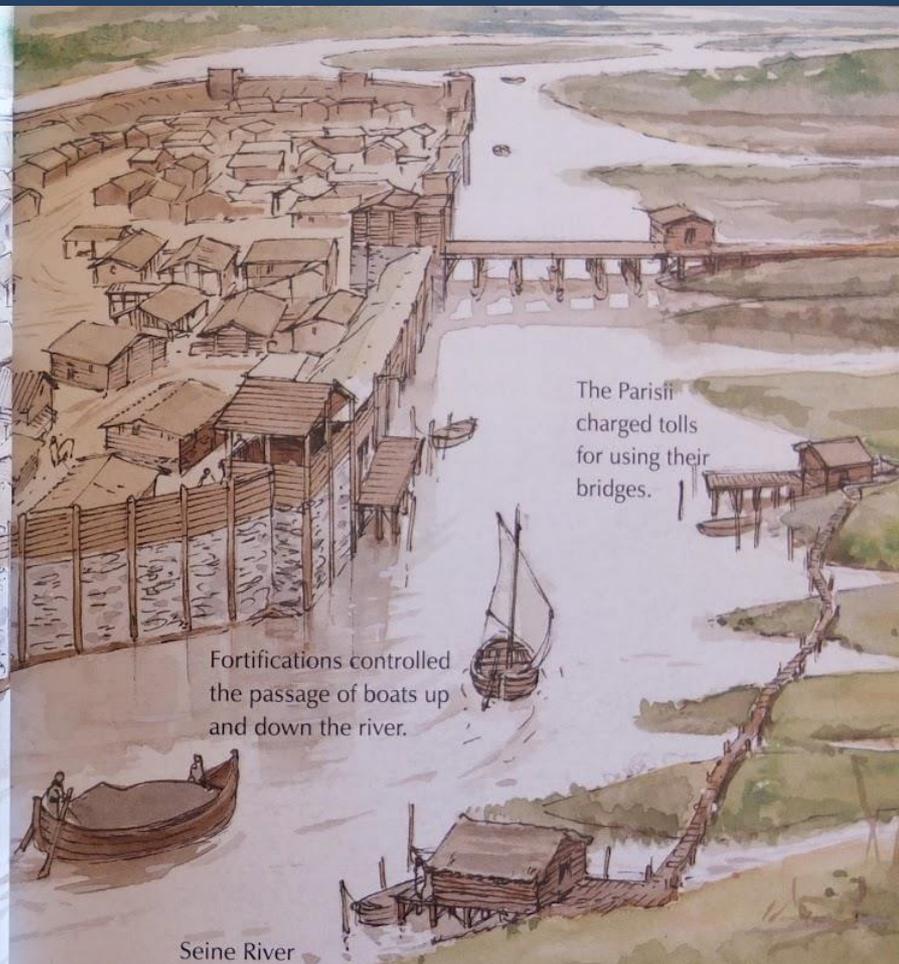
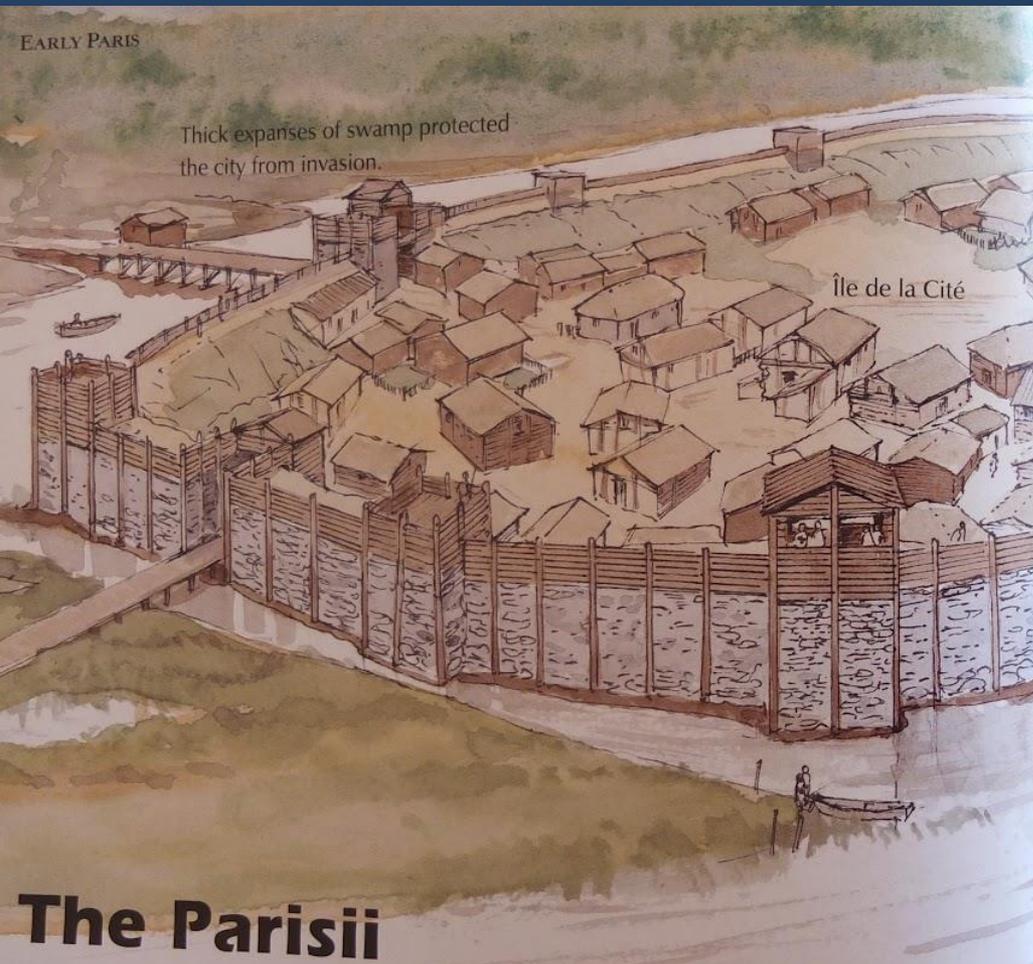
Notre Dame de Paris

Em 1793, no decorrer da Revolução Francesa e sob o Culto da Razão, mais elementos da catedral foram destruídos e muitos dos seus tesouros roubados, acabando o espaço em si por servir de armazém para alimentos.



A **Catedral de Notre-Dame de Paris** é uma das mais antigas catedrais francesas em estilo gótico. Iniciada sua construção no ano de 1163, é dedicada a Maria, Mãe de Jesus Cristo (daí o nome *Notre-Dame* – Nossa Senhora), situa-se na praça Parvis, na pequena ilha (Ile de la Cité) em Paris, França, rodeada pelas águas do Rio Sena.





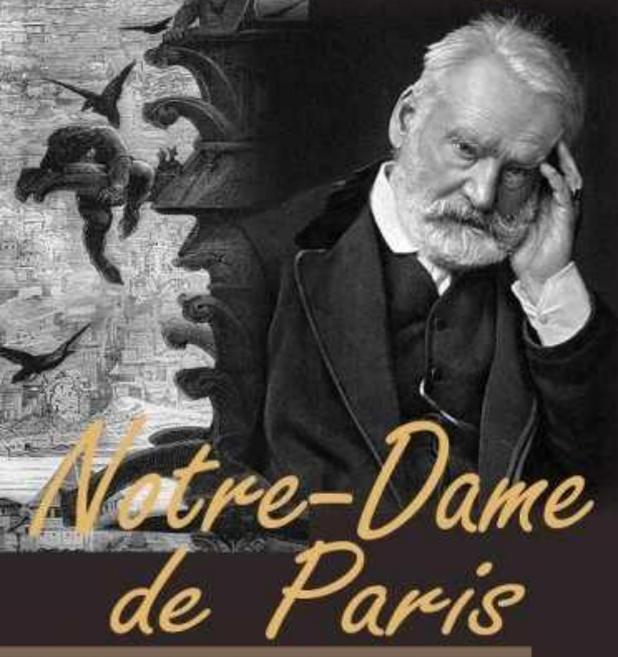
The Parisii

Aldeia dos Celtas

Lutécia
Romanos 52 A.C



Victor Hugo



NOTRE DAME DE PARIS.



Notre-Dame de Paris – de Victor Hugo (1831)

- Também conhecido como ***O Corcunda de Notre-Dame***
- Romance histórico, voltado para o público adulto, com o intuito de conscientizá-lo para a necessidade de se conservar a Catedral
- Victor Hugo descreve a antiga Catedral e ilustra historicamente a sociedade da Paris medieval, e os contrastes dos seus personagens, desde os pedintes e ciganos ao rei e à nobreza.
- A história passa-se em 1482, em Paris, a capital de França. A ação desenrola-se dentro e em torno da Catedral de Notre-Dame, na Île de la Cité, no meio do rio Sena. Aqui estavam situadas os dois grandes monumentos da cidade à época: a Catedral e o Palácio da Justiça, o que centralizava, na ilha, a religião e o governo de Paris.

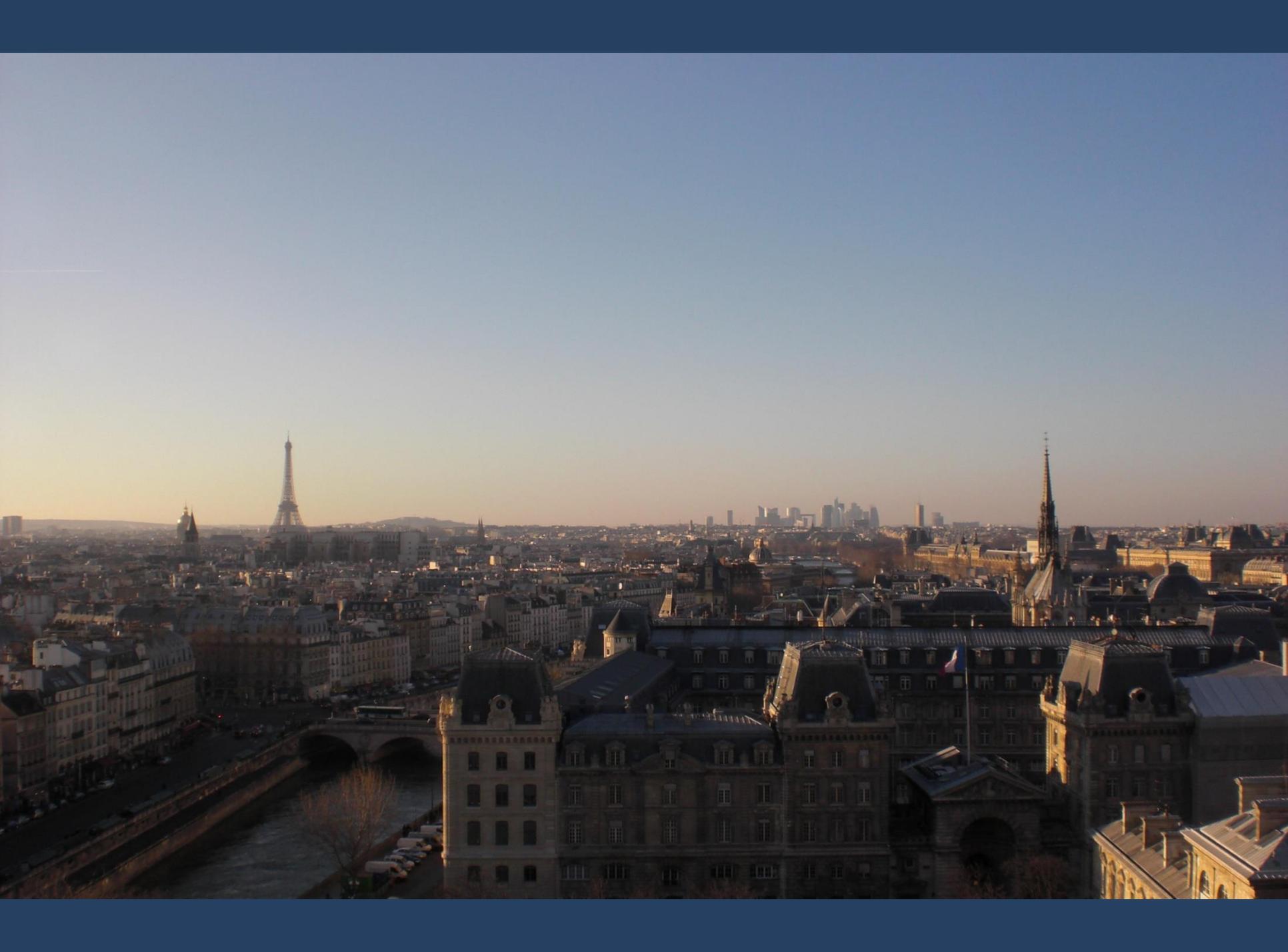
■ Olhos de pedra: história e monstruosidade em Notre-Dame de Paris

ANA CLAUDIA AYMORÉ MARTINS

Doutora em Ciência da Literatura pela UFRJ.

Professora Adjunta do curso de História e



















Do alto da Catedral de Notre-Dame de Paris, figuras monstruosas dirigem seu olhar de pedra aos homens. Em contrapartida, turistas assombrados retribuem miradas, exclamações em várias línguas e *takes* fotográficos. Sentem, sobretudo, a impressão de deslocamento retrospectivo, a emoção do viajante no tempo que mergulha *in loco* num passado ancestral do qual conhece muito pouco: nesse caso, a “era das trevas” medieval. E, a despeito dos inúmeros detalhes a serem observados na fachada gótica, elegem sem pestanejar os cinquenta e quatro guardiães da balaustrada e as centenas de corpos projetados horizontalmente em diversas alturas como os mais legítimos representantes desse tempo pretérito simultaneamente sombrio e fascinante.

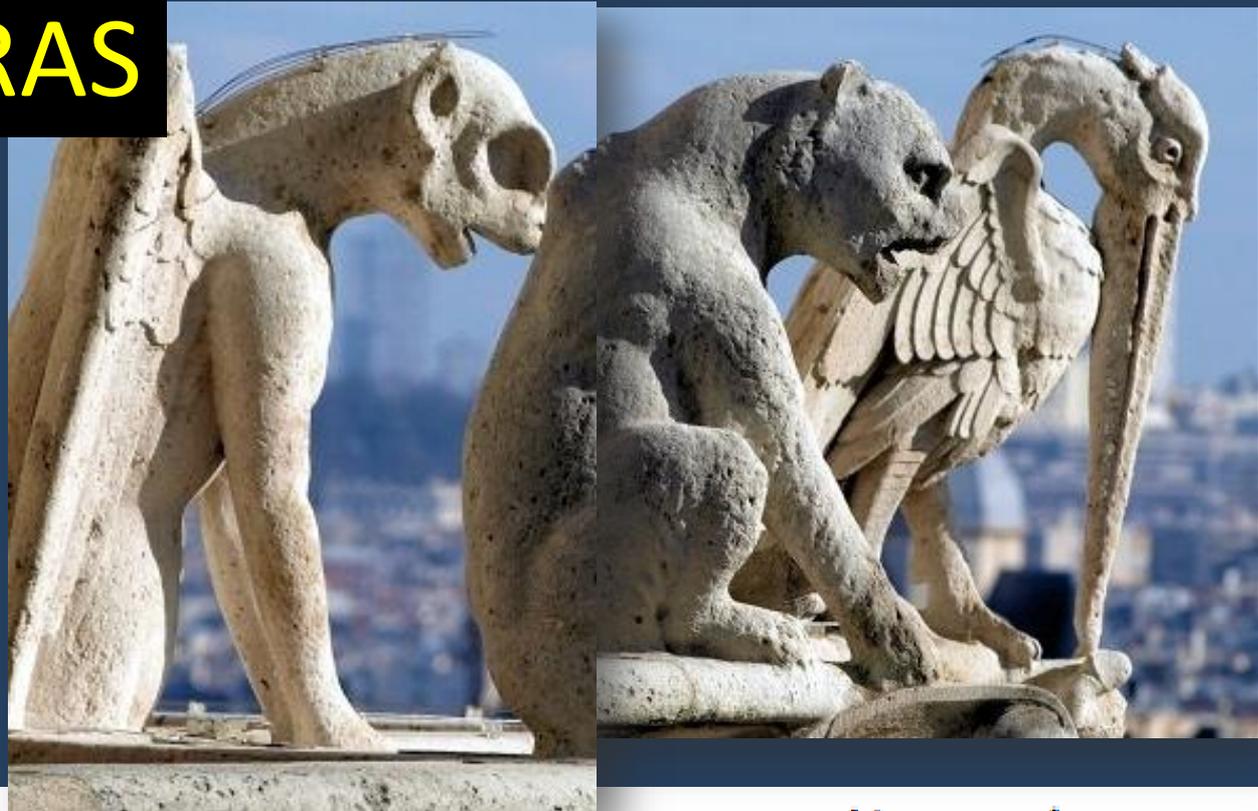


GÁRGULAS



grande parte do espetacular efeito visual de Notre-Dame vem desses seres fabulosos, as gárgulas e as quimeras. Os primeiros – que têm funções práticas e arquitetônicas diretas, fazendo parte do sistema de escoamento de água da chuva e servindo de contrapartida à estrutura fortemente verticalizada do gosto gótico – são corpos integrados ao corpo maior do edifício, parecendo brotar de vários níveis da superfície, “[...] suas bocas abertas, mandíbulas escancaradas que produzem a impressão inquietante, se olharmos em direção às torres de certos ângulos, de que a catedral inteira está gritando” (CAMILLE, 2009, p. 12).¹

QUIMERAS



Já as quimeras, em sua variedade de formas, rompem a monotonia da balaustrada de onde sobressaem as duas torres idênticas: são demônios, dragões, grandes felinos, aves rapineiras, em sua maioria. Há, também, entre eles, seres de identidade mais precisa, como um urso, um gato, uma cabra, um javali, um pelicano, um homem-leão, um elefante.

E, entre seres de aparência e atitude marcadamente agressivas e bestiais, destaca-se um monstro pensativo, de olhar melancólico, cabeça apoiada nas mãos (ver figura catedral, miniaturizado e comercializado incessantemente nas lojas de souvenirs de seu entorno. Sua presença onipresente cria, de forma ainda mais absoluta, a impressão de autenticidade e coesão do conjunto arquitetônico, contribuindo significativamente para o fortalecimento do “estereótipo de conjunto”² da Idade Média – tempo obscuro, de barbárie, guerras, peste e saques.



Figura 1: Viollet-le-Duc e Victor Pyanet. O “demônio pensativo” ou “A estrige”. Notre-Dame, Paris, início do século XX.

O que provavelmente a maior parte dos visitantes desconhece é que os monstros de Notre-Dame são, na verdade, monstros da modernidade. Assim como vários outros símbolos da história francesa, a catedral que coroa a Île de La Cité sofreu danos bastante consideráveis ao longo da história, seja pela deterioração natural dos materiais utilizados em sua construção, seja pela violência da ação humana, desde a emergência do Estado Absolutista – que não raras vezes submeteu os espaços sagrados ao capricho dos monarcas – até a Revolução Francesa – implacável em sua gana por suprimir todos os símbolos de uma suposta “feudalidade”. Assim, em meados do século XIX, quando, sob a Monarquia de Julho (1830-1848), a restauração da catedral foi iniciada, raros e irreconhecíveis eram os monstros de Notre-Dame: apenas algumas mal conservadas gárgulas, salvas por estarem em locais ocultos ou de difícil acesso. Durante a reforma, mesmo estas foram removidas e substituídas pelas criaturas que conhecemos hoje, cujos traços foram concebidos pelos dois arquitetos

responsáveis pelo projeto, os célebres Eugène-Emmanuel Viollet-le-Duc e Jean-Baptiste Lassus.

Portanto, ao contrário de serem o símbolo de uma medievalidade monstruosa, em que representariam as forças irracionais e demoníacas da desrazão fomentada pelas elites espirituais e seculares – a Igreja, os senhores feudais, os suseranos –, as gárgulas e as quimeras de Notre-Dame são, mais apropriadamente, a representação de uma Idade Média tal como imaginada e construída pelo mundo burguês e pela imaginação romântica oitocentista. Em termos arquitetônicos, realizam aquilo que a escritura da época, tanto literária como historiográfica, embriagada pela “vertigem da modernidade” e problematizando as fronteiras tradicionais entre o belo e o feio, o bem e o mal, o real e o fantástico, escolheu como um de seus motivos principais: a visão da História como monstruosidade.

Constantemente confundimos as duas palavras, mas “gárgula” e “quimera” são essencialmente diferentes.

Gárgula é antes de tudo um **cano**. Sim, um cano, que serve para **escoar a água da chuva** para fora da catedral, impedindo infiltrações, sobrepeso, etc. O nome “gargouille” provavelmente vem do gorgolejar da água dentro do cano. Muitas vezes os escultores góticos esculpam as gárgulas em forma de animais, pessoas, monstros, criaturas fantásticas, etc.

Gárgulas



Gárgulas



As **quimeras** (*chimères*) são adições do século XIX à catedral, feitas por seus restauradores Viollet-le Duc e Jean-Baptiste Lassus. Estes, imbuídos da visão romântica do período medieval, adicionaram **54 estátuas de animais e seres fantásticos no parapeito que cerca as torres da catedral**. O sucesso foi tanto, que para muitos, parece que elas sempre estiveram ali, desde o período medieval. Talvez porque ainda temos muito desse “romantismo” em relação à Idade Média, nesse caso em relação aos monstros e medos que assombrariam aquela sociedade.

Quimeras



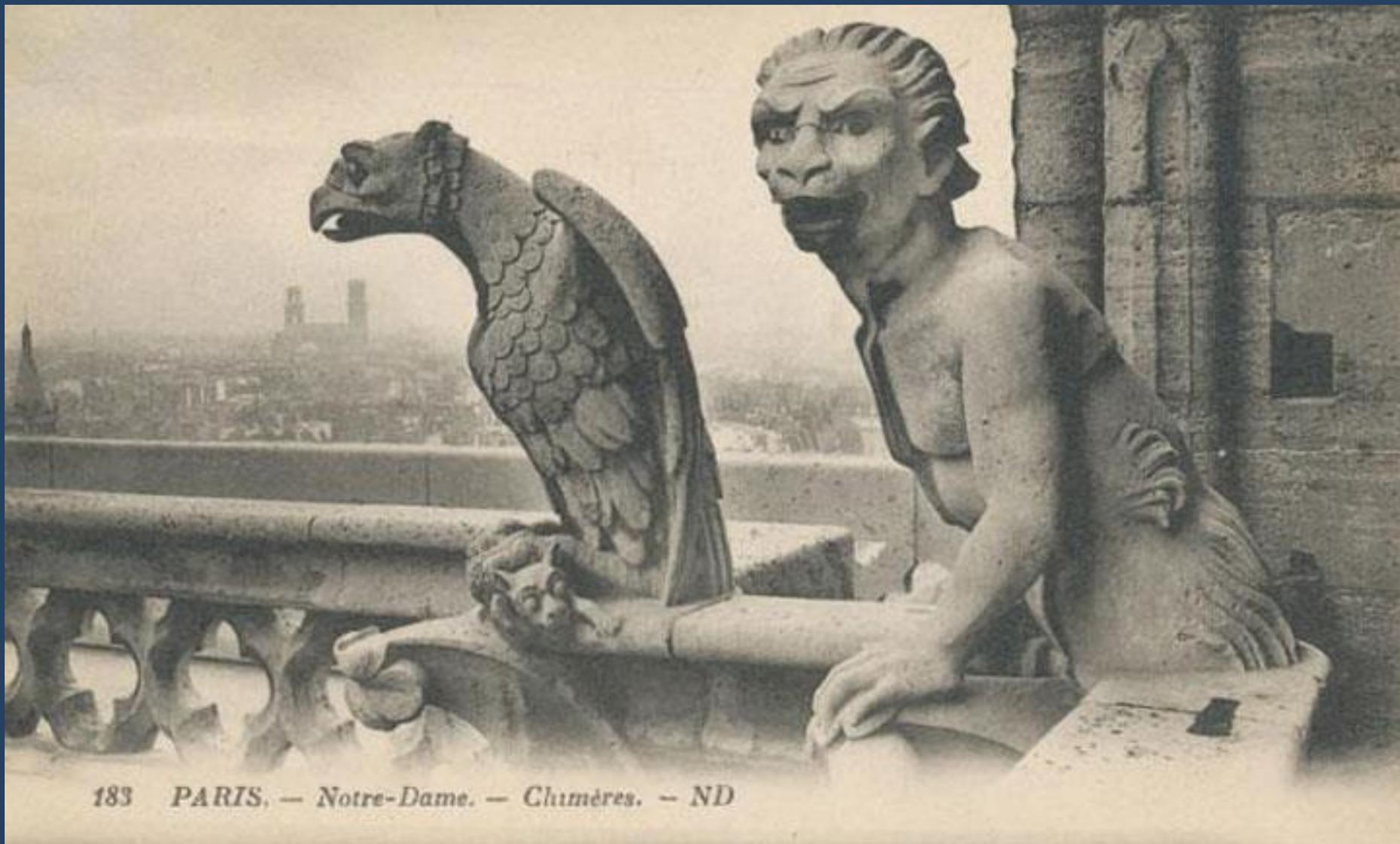
Quimeras



Quimeras







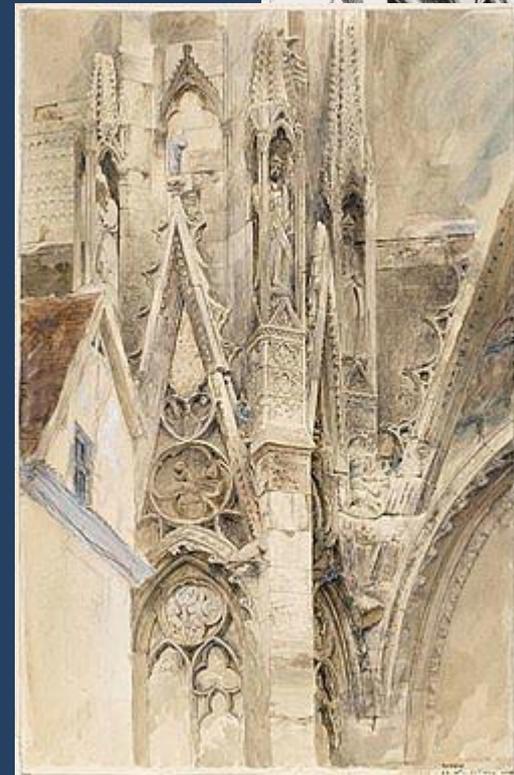
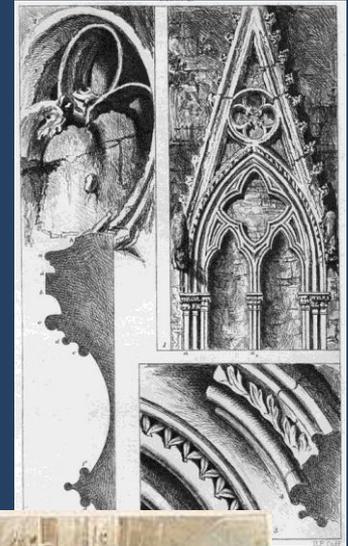
183 PARIS. — Notre-Dame. — Chimères. — ND

“Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento.”



Contemporâneo a Viollet-le-Duc, mas com idéias totalmente antagônicas, encontramos o inglês **John Ruskin (1819-1900)** – escritor, poeta e crítico – representante da teoria romântica, ou da restauração romântica, que defende a intocabilidade do monumento degradado.

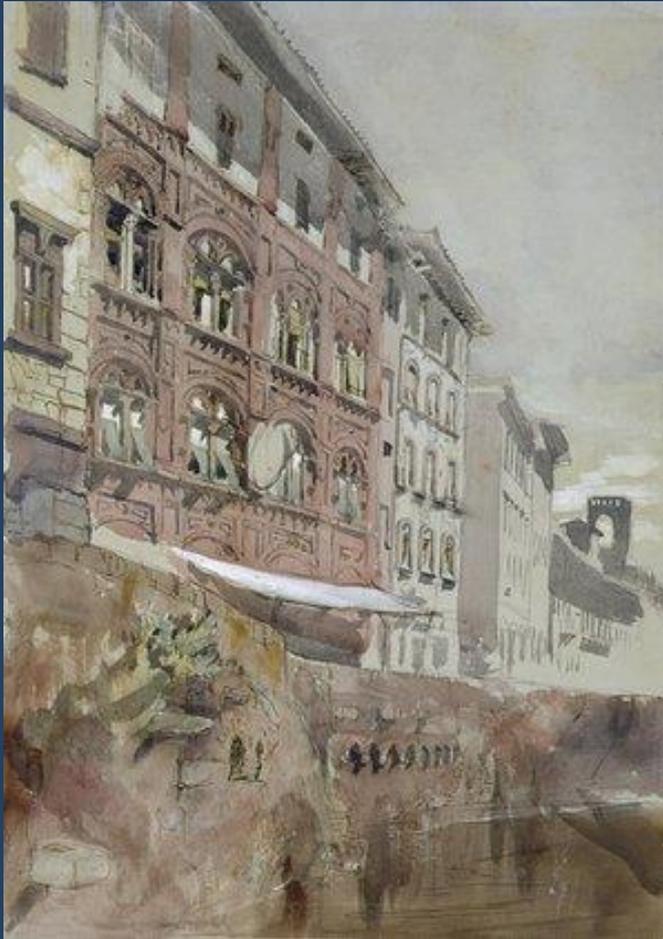
- **John Ruskin foi o principal teórico da preservação na Inglaterra do século XIX**
- Foi um crítico das profundas transformações por que passava então o país.
- Excêntrico, reacionário, intransigente inimigo da industrialização
- Foi um dos maiores expoentes da crítica romântica, de cunho socialista, à sociedade capitalista industrial e suas evidentes mazelas - miséria generalizada, injustiça social, inchaço urbano, destruição da natureza, entre outras. Sua contribuição foi essencial para as reformas sociais, urbanísticas e de proteção ao meio ambiente, pouco a pouco conquistadas.



Fitzwilliam Museum

Não menos importante do que a dimensão política do pensamento de **John Ruskin** é sua reflexão sobre o papel da arquitetura, e sua preservação, para a sociedade moderna; aspecto por vezes obscurecido pela aversão contemporânea ao exacerbado romantismo oitocentista, do qual constitui um dos pilares.



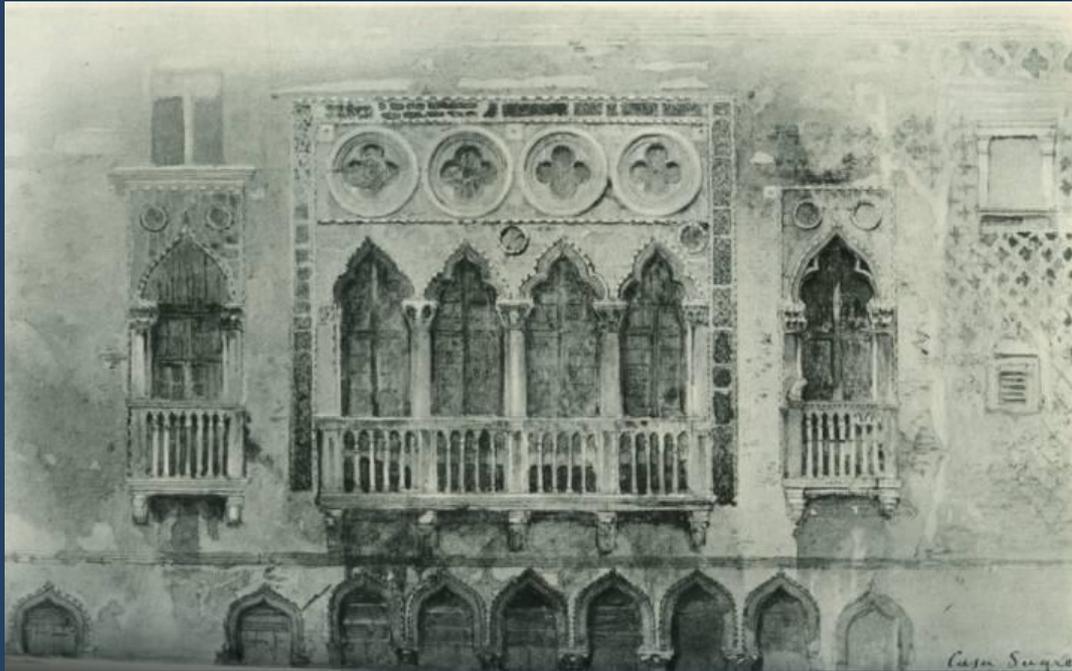


Palazzo Agostini, Pisa "

"Podemos viver sem a arquitetura de uma época, mas não podemos recordá-la sem a sua presença. Podemos saber mais da Grécia e de sua cultura pelos seus destroços do que pela poesia e pela história".

"Os monumentos de hoje, conforme Ruskin, devem possuir um valor histórico e os de épocas passadas devem ser conservados como nossa maior herança."





- John Ruskin aborda a **Arquitetura Doméstica** que segundo ele "dá origem a todas as outras".

- A casa, para ele teria um caráter quase de santidade, pois permeava dentro dela a essência, a vida e a história do homem que nela viveu.
- Considerava um mau presságio quando casas eram construídas para durarem apenas uma geração. O desprezo do homem a sua casa, conforme o autor, é um fenômeno precursor de outros males de desgraças

- Já nos **prédios públicos**, deveria sempre haver um **propósito histórico** em sua construção.



- Para o autor, essas edificações deveriam "expressar de modo simbólico ou literal, tudo quanto é digno de ser conhecido sobre os sentimentos e realizações de uma nação".
- Palácio de Ducal, que através de suas imagens interiores, conta uma história.

"quando construirmos, pensemos que estamos construindo para sempre. E não façamos para a nossa satisfação de hoje (...) Que nossa obra seja tal que os nossos descendentes nos agradeçam (...)", e que em algum momento, aquela edificação se tornará sagrada.



El Palacio Ducal



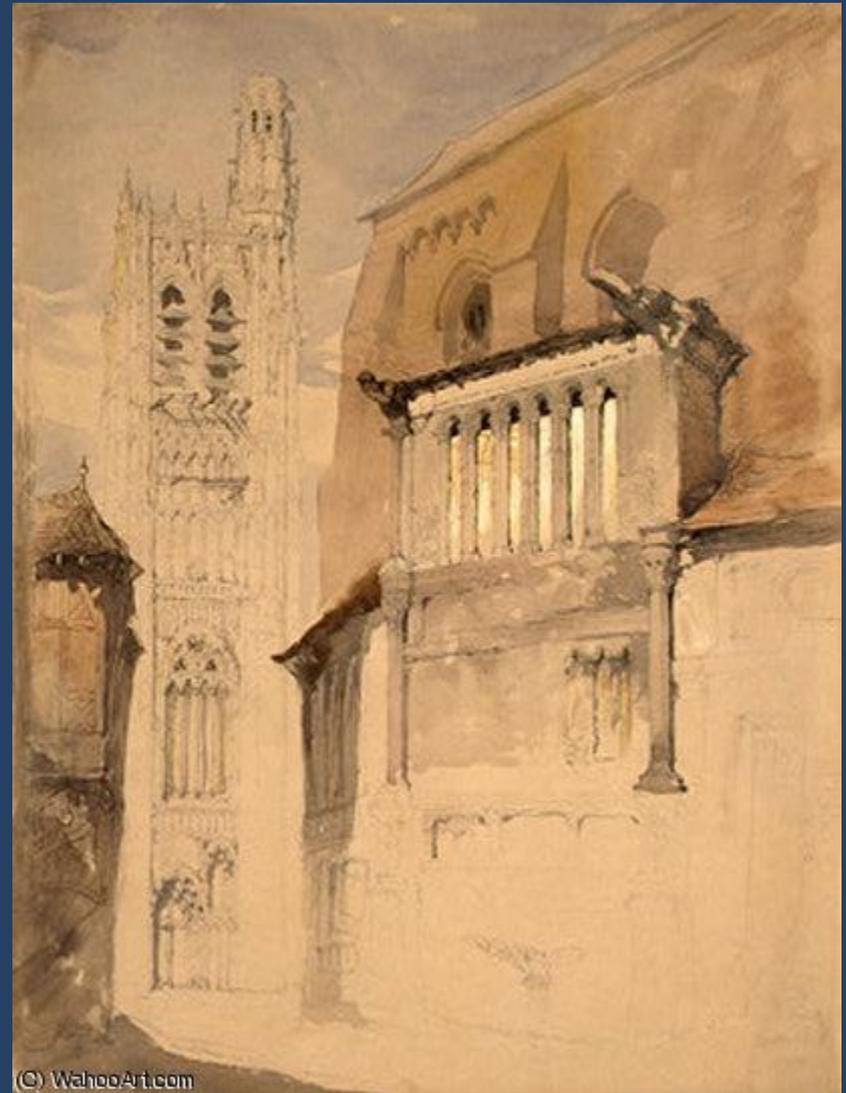
Fondaco dei Turchi, Venecia"

O Restauro. Para John Ruskin:

"(...) significa a mais total destruição que um edifício possa sofrer: uma destruição no fim da qual não resta nem ao menos um resto autêntico a ser recolhido, uma destruição acompanhada da falsa descrição da coisa que destruimos."

Deste modo, Ruskin considerava impossível restabelecer um monumento que foi grandioso e carregado de beleza, pois sua alma jamais poderia ser devolvida. É sustentado que outra época daria à edificação outro espírito, transformando-a em outra obra. Ainda, o autor considera o restauro uma **"necessidade destrutiva"** e acreditava que se preservássemos nossos edifícios não seria necessário essa restauração. Esse processo resultaria em uma imitação da arquitetura passada carregando em si uma réplica e um falso histórico, já que essa nova faceta pertenceria a uma nova época o tudo isso afetava sua autenticidade, seus valores evocativos e poéticos.

Para Ruskin, algumas intervenções até eram permitidas, porém, apenas para conservar a edificação. O autor aceitava pequenas obras de consolidação ("muletas"). Quando as mesmas perdiam sua utilidade, ele conformava-se frente à morte certa e natural que toda edificação teria um dia. Assim, o autor defende então a **"morte" dos monumentos.**



Torre de la catedral de Sens c. (1845)"

- Viollet-le-duc x Ruskin
- Posição diametralmente **oposta à de Jonh Ruskin**: este faz pesadas críticas às restaurações e pregava absoluto respeito pela matéria ORIGINAL, que levava em conta as transformações feitas em uma obra no decorrer do tempo, sendo a atitude a tomar a de simples trabalhos de conservação, para evitar degradações, ou, até mesmo a de pura contemplação.